

**ECONOMIA**



A CUT na Praça da Sé e a CGT no sindicato dos metalúrgicos: manifestações separadas.



Passeata no ABC



O presidente no Maranhão



Festa no Ceret

# Sarney promete volta aos bons tempos

Em seu discurso pelo 1º de Maio, o presidente deixou clara sua intenção de promover um novo choque econômico. Mas pediu a "união nacional".

Em seu pronunciamento, transmitido ontem em cadeia de rádio e televisão, para comemorar o Dia do Trabalho, o presidente José Sarney convidou os trabalhadores para um entendimento nacional. E acenou claramente para a possibilidade do governo reeditar um choque econômico como o Plano Cruzado.

"Vamos sentar à mesa. Se sentarmos, voltaremos àqueles bons dias do Plano Cruzado. Plano Cruzado que até hoje deixa grande saudade no povo brasileiro. Voltaremos aos preços estáveis, salários com poder de compra. O que não podemos é continuar nessa corrida sem fim das altas taxas inflacionárias. Creiam que o governo pode muito, mas o governo não pode tudo. Povo e governo junto é que podem tudo. A solução dos problemas brasileiros, graves, que estão aí, é de cada um", disse o presidente. Um pouco antes, Sarney voltou a propor a "união nacional" aos trabalhadores, para a solução dos problemas do País.

Disse o presidente: "Eu apelo aos trabalhadores para, juntos, resolvermos os problemas e renovar aquela minha mensagem, que não é de hoje, é do primeiro dia, é de sempre, em favor da união nacional. União para estabelecermos um entendimento que ajude a estabilizar salários e preços e fazer aquilo que é possível fazer".

Sarney encerrou seu pronunciamento enfatizando que "nada melhor para homenagear os trabalhadores brasileiros nesta data, do que dizer-lhes que os nossos problemas são problemas de um grande País, de um grande futuro, de um País em crescimento, de um País que tem como um dos ângulos desse seu amadurecimento a presença da classe trabalhadora que ocupa cada vez mais um grande espaço".

No programa "Conversa de Rádio", de ontem, o presidente Sarney também falou do 1º de maio. Mas deu destaque à participação dos trabalhadores em conselhos gover-

namentais que decidem as transformações econômicas do País, como o Conselho Monetário Nacional, para o qual nomeou, como representante, o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, José Calixto Ramos. As centrais sindicais, hoje, disse o presidente, podem atuar "à luz do dia", não existem sindicato sob intervenção nem sindicalistas punidos com base na lei de greve em vigor.

— Tenho certeza de que nenhum governo neste país, em tão pouco tempo, fez tanto pela classe trabalhadora, não só no que se refere a reivindicações materiais, mas também, quanto a sua participação e importância na vida do Brasil — que ontem também esteve com trabalhadores no Maranhão. Ele lembrou que o gatilho salarial, acionado cada vez que a inflação atinge 20%, é uma garantia importante. Mas não deu nenhuma garantia de que esse mecanismo de proteção aos salários continuará.

## Mas o salário mínimo ficou sem correção

O Dia do Trabalho passou em branco para o salário mínimo, sem a reposição prometida pelo governo para o 1º de Maio, ficando o reajuste agora por conta do gatilho de 20%, que o situará em Cz\$ 1.641,60, com divulgação do índice de inflação de abril. Em São Paulo, a comemoração oficial do 1º de Maio foi no bairro de Ermelindo Matarazzo, na Zona Leste, de onde o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, saudou os operários de todo o Brasil, enquanto o governador Orestes Quêrcia prometia mais segurança, mais transporte e mais cuidado com as crianças.

Pazzianotto manifestou-se preocupado com a política salarial e admitiu que o atual sistema de gatilho não repõe mais o salário dos trabalhadores, dentro do quadro crescente de inflação que vive o País. Em comemoração ao 1º de Maio, ele reconheceu 58 cartas sindicais, das quais 38 são de entidades urbanas e 20 de sindicatos rurais.

No Dia do Trabalho, o governo criou mais uma polêmica com os sindicatos, com a nomeação do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNT), José Calixto Ramos, para representá-los no Conselho Monetário Nacional (CMN). Com isso, Sarney cumpriu promessa feita a sindicalistas, em almoço na Granja do Torto, no dia 4 último. Mas acontece que, em nenhum momento, Calixto esteve entre os nomes sugeridos pelas lideranças das centrais sindicais e dos grandes sindicatos.

No Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador (Ceret), situado no Tatuapé, zona Leste da Capital paulista, o programa de comemorações começou às 8h30, incluindo demonstração e pára-quadristas e jogos. Competições esportivas marcaram também a festa de 1º de Maio no Sesc Pompéia, na zona Oeste.

A política econômica do governo foi duramente criticada, ontem, na Praça da Sé, pelas lideranças sindicais que participaram do ato público organizado pela regional de São Paulo da CUT. O presidente da CUT, Jair Meneguelli, penúltimo a falar pa-

ra uma platéia de cerca de cinco mil pessoas, cercadas por 285 policiais militares a pé, além de 10 viaturas circulando na área, disse que "o presidente José Sarney não merece o respeito dos trabalhadores, pois não atende a suas reivindicações". Também não faltaram críticas ao prefeito de São Paulo, Jânio Quadros que, num ato simbólico, foi "enterrado" junto com a repressão e o arrocho salarial.

Jair Meneguelli demonstrou irritação ao saber da decisão do governo de incluir o presidente da CNTI no CMN. "O presidente Sarney está sendo desonesto com o movimento sindical", — reclamou o líder da CUT.

A briga da CUT é porque o escolhido de Sarney é vinculado à Central Geral dos Trabalhadores (CGT), presidida por Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinão, taxado de "pelego", durante a manifestação de ontem por Jorge Luís, que falou como representante da "oposição metalúrgica".

Luís Carlos Prestes, que foi expurgado do cargo de secretário-geral de seu partido, o PCB, disse que "o governo está sem rumos, deixando os trabalhadores sem motivos para festejar o 1º de Maio". Solidário com a CUT, Prestes defendeu a união dos trabalhadores para que conquistem mudanças. E o germe dessas mudanças, segundo comentário do ex-deputado federal pelo PT, economista Eduardo Suplicy, é a campanha pelas diretas.

Luiz Carlos Bresser Pereira, diz Suplicy, deveria se preocupar apenas em corrigir certos desequilíbrios da economia, mantendo o gatilho salarial e preparando o País para o sucessor de Sarney.

Outra distorção foi citada pelo presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Adauto Bentivegna: "O governo liberou os encargos fiscais sobre o open e over, às custas do dinheiro do povo, para amenizar os prejuízos que os banqueiros tiveram durante a greve".

Falaram também dois sindicalistas es-

trangeiros. Deni Echeverría, dirigente da Associação dos Trabalhadores do Campo da Nicarágua, agradeceu o apoio que seu país vem recebendo de entidades sindicais brasileiras. Já o representante da Central Única dos Trabalhadores do Chile, Omar Bermudes, fez um apelo para que o governo brasileiro reduza o intercâmbio comercial com o Chile, como uma das formas de isolar o governo do general Augusto Pinochet. Outro pedido: que o Brasil deixe de vender armas àquele país.

Segundo anunciou o deputado Luiz Inácio Lula da Silva, o PT promove no próximo dia 6 em Brasília reunião com diversos partidos políticos e o movimento sindical e popular para montar um comitê suprapartidário que coordene a campanha das eleições diretas para presidente da República.

Lula chegou a admitir sua candidatura à Presidência da República com as eleições diretas: "Não é o momento de o PT escolher candidatos, mas de organizar a população pelas diretas. Mas, me disponho a concorrer se o meu partido me escolher".

Na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, a CGT reuniu, ontem pela manhã, cerca de 150 representantes de sindicatos, federações de trabalhadores e dos partidos políticos PCB, PC do B e PMDB.

A maioria dos oradores defendeu em seu discurso uma maior unidade sindical, criticando bastante a atuação da CUT e do PT, acusando-os de estarem dividindo os trabalhadores e fazendo dos sindicatos comitês eleitorais, como disse o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antonio Medeiros.

Medeiros também criticou bastante a atitude do prefeito Jânio Quadros em relação à greve dos funcionários públicos, e o comportamento dos constituintes que, na sua opinião, "não fazem jus ao salário que recebem", pois até agora não fizeram nada, dando mais importância aos assuntos do PMDB do que à definição de temas básicos, como o mandato presidencial.

## Manifestações em todo o País, mas sem incidentes

As comemorações do Dia do Trabalho transcorreram em clima de tranquilidade no resto do País, com os trabalhadores preferindo usar o feriado para descansar ou viajar para outras cidades. CUT e CGT realizaram atos separadamente, adotando também posições políticas diferentes, em relação às eleições presidenciais, mas defenderam o gatilho salarial. Em Belo Horizonte, as comemorações foram fracas e a única nota de destaque foi o ato conjunto da CGT e CUT, que teve entretanto pouca repercussão, contando com poucos participantes.

Em Belém do Pará, diversas entidades sindicais e organizações políticas promoveram uma passeata, com apenas 1.500 pessoas já que a cidade ficou praticamente deserta com a fuga da população para os bal-

neários e sítios. A polícia nem compareceu para observar.

As comemorações oficiais no Rio de Janeiro foram realizadas na Igreja Batista, com o discurso do governador Moreira Franco. A CUT promoveu um ato-show no Campo de São Cristóvão, Zona Norte da cidade, sem a presença do convidado especial, Luiz Carlos Prestes. O ato político da CGT, na Quinta da Boa Vista, contou com a presença do vice-prefeito Jo Renende, que representou o prefeito Saturnino Braga. Enquanto a CUT defendeu eleições diretas para já, a CGT preferiu que elas sejam realizadas depois da Constituinte.

A praça principal de Limeira, no interior de São Paulo, foi movimentada com a distribuição de panfletos e denúncias con-

tra sindicalistas e os patrões. Alguns participantes culpavam dirigentes sindicais pelo reduzido número de trabalhadores presentes às manifestações, afirmando que esses líderes estavam "a serviço dos patrões".

Em Campinas, somente a CUT promoveu manifestações. Os trabalhadores se concentraram no Teatro de Arena do Centro de Convivência Cultural. A programação foi aberta com uma passeata promovida pela Pastoral Operária. A grande novidade foi a apresentação do grupo de dança italiano Teatro Tescabile di Bergamo, com o espetáculo "Albatroz", criado para ser encenado nas ruas. Foi uma grata surpresa para os trabalhadores, que além disso passaram o dia ouvindo músicas executadas por grupos que participaram das comemorações.

## Pazzianotto garante: o gatilho vai ser mantido

O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, disse ontem, em São Paulo, que o fim do gatilho salarial só seria possível se fosse criado um mecanismo de defesa do trabalhador "ainda mais eficiente". Ele afirmou, contudo, que esse instrumento automático de reajuste tem desempenhado seu papel satisfatoriamente, e garantiu: "Nesse caso, fica mantido o gatilho".

Pazzianotto acabou, mais uma vez, mostrando que está ao lado desse instrumento de proteção do salário. "Entendo que o problema principal da economia é a inflação." Para Almir Pazzianotto "o gatilho funciona exatamente como uma salvaguarda contra essa inflação". Acabar com o gatilho, observou o ministro do Trabalho, exigiria uma

prévia redução da inflação "dentro de um programa econômico amplo e formulado de maneira a garantir resultados favoráveis previamente".

— Mesmo assim — salientou Pazzianotto — seria preciso substituí-lo por algo semelhante ou melhor. É bom lembrarmos que de 1965 para cá várias formas foram tentadas e nenhuma dá certo quando a inflação se eleva rapidamente. A corrida salários-preços sempre é prejudicial aos salários. Nós precisamos pensar mesmo é numa política econômica, à semelhança do que ocorre em tantos países do mundo, para que exista uma economia saudável, com estabilidade de preços e aumento real dos salários.

### Pelos humildes

Ao saudar a população de São Paulo no Dia do Trabalho, o governador Orestes Quêrcia reafirmou seu compromisso para com os trabalhadores e os mais humildes. "Fui escolhido para governar São Paulo — disse ele — pelos humildes e mais pobres. E é este povo sofrido que eu represento no Palácio dos Bandeirantes".

O governador lembrou as prioridades que traçou para a sua administração, destacando a construção de casas para os trabalhadores, melhoria dos transportes coletivos e de massa, construção de escolas, e melhoria da segurança, "principalmente nos bairros mais sofridos".

14 MAI 1987